

4

Análise dos dados

O volume de dados coletados nesta pesquisa permite a elaboração de muitas e diferentes análises. Tendo em vista os limites (de tempo e de natureza de trabalho) impostos a uma dissertação de mestrado, neste capítulo foram priorizadas algumas das possíveis formas de lidar com os resultados da pesquisa. Os objetivos centrais deste estudo eram: (1) desenhar o perfil sócio-econômico das crianças; (2) identificar o padrão de consumo cultural delas e sua relação com a tevê (com tempo e padrão de consumo, modo e práticas de uso, programas prediletos); (3) perceber o papel desempenhado pela escola e pela família na relação entre a criança e o que é veiculado na tevê; (4) identificar algumas das relações que as crianças estabelecem com o que é veiculado na tevê e como esses fatores se relacionam com o consumo televisivo. Assim sendo, na primeira parte, será apresentado um perfil das crianças. Depois a análise dos itens que buscaram compreender a relação das crianças com tevê. Na terceira parte, será apresentada a análise das escalas e algumas de suas possíveis correlações, onde buscamos observar o consumo cultural delas; o papel desempenhado pela família e pela escola na mediação da relação delas com a tevê; o nível de interferência real que o ato de assistir à tevê tem no cotidiano das crianças (impacto); e o grau de conhecimento da lógica da televisão, de sua linguagem e sua estrutura de produção (telefilia).

4.1

Perfil das crianças

Quem são as crianças que responderam nossos questionários? As tabelas abaixo procuram traçar o perfil de gênero, etnia e faixa etária das crianças. Temos uma divisão quase igualitária da mostra entre meninos e meninas, com uma pequena diferença percentual a favor das meninas. A amostra se concentra majoritariamente entre 9 e 11 anos de idade, totalizando 72,7% da idade das crianças que aplicamos o questionário, como se observa na tabela 22. Em relação à tabela que reflete a distribuição da série em que o aluno estudava de acordo com

a idade, podemos observar que não há um número significativo de crianças com defasagem entre idade e série (tabela 8). Por fim, nossa mostra se divide basicamente entre crianças brancas e crianças pardas.

Tabela 7: Distribuição das respostas sobre a idade

Item	Categorias de resposta (%)							
	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos
Idade	5,3	19,7	22,2	30,8	13,8	5,3	1,7	1,1

Gráfico 2: Distribuição das respostas relativas à série escolar em que se encontravam as crianças quando da aplicação do questionário.

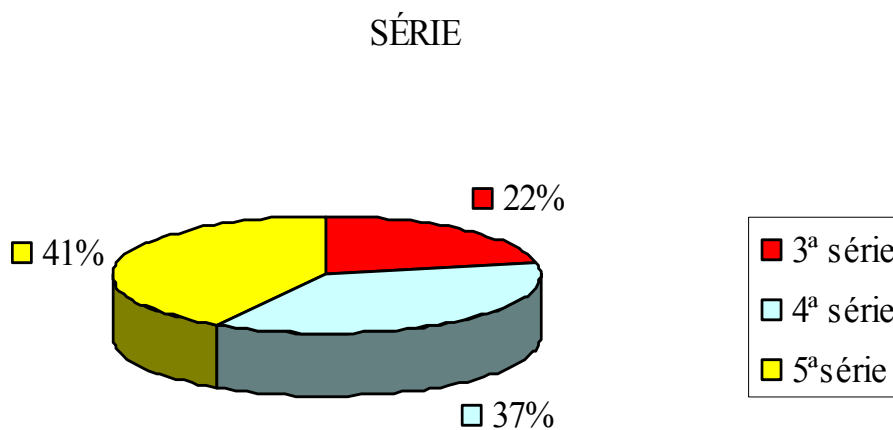


Tabela 9: Distribuição de respostas sobre cor

Item	Categorias de resposta (%)			
	branco	preto	pardo	amarelo
Cor	46,9	8,6	42,3	2,1

4.2 Relação das crianças com a tevê

Os primeiros itens do questionário buscavam saber a frequência com que às crianças assistem à televisão, se acompanhadas ou sozinhas. Assim, esta variável observa uma das fontes de mediação situacional: com quem a criança vê televisão.

Tabela 10: Distribuição das respostas aos itens 1 a 4.

Itens	nunca	Categorias de resposta (%)		
		De 1 a 3 vezes na semana	De 4 a 5 vezes na semana	Mais de 6 vezes na semana
Vê televisão sozinho	20,9	26,9	20	32,9
Vê televisão com irmãos	18,9	19,7	26,7	34,7
Vê televisão com amigos e/ou vizinhos	51,4	34,6	6,9	7,1
Vê televisão com adultos	6,8	25,7	26,7	40,7

Antes de aplicar o questionário explicávamos o preenchimento das questões, e, especialmente em relação aos quatro primeiros itens, o (a) aplicador (a) alertava que as questões eram parcialmente excludentes, ou seja, que nesta questão era importante observar que se marcassem a opção ver televisão sozinho mais de seis vezes na semana, não poderiam marcar nenhuma outra, com essa mesma frequência. Entretanto, uma das crianças nos alertou ser possível assistir mais de 6 vezes sozinho e mais de 6 vezes com adultos, por exemplo, já que eles vêem tevê em diferentes horários do dia. O aluno disse que quem estuda à tarde, por exemplo, pode ver televisão pela manhã sozinho e, à noite ver televisão com os pais, podendo fazer isso todos os dias. Então, se um mesmo respondente marcou uma ou mais vezes a categoria mais de 6 vezes na

semana, todas as respostas foram consideradas. Por isso, ver sempre televisão sozinho, não significa que o respondente não veja também com os irmãos, amigos e/ou vizinhos e com adultos, com a mesma frequência.

Segundo Orozco-Gomez, assistir tevê acompanhado é uma importante fonte de mediação situacional, porque implica a possibilidade da apropriação do conteúdo ser mediada pelos comentários de quem está perto e, também, a possibilidade, mesmo que eventual, de, a partir do diálogo com o parceiro de espectatura, o espectador realizar um maior distanciamento do que está sendo exibido (1991: p.5). Para este autor, na frente da televisão ocorre a televidência direta e primária das audiências, onde o telespectador, ao se relacionar com os referentes televisivos pode assumi-los para si, resistir a eles e/ou apropriar-se deles acionando suas referências pessoais e, nesse processo, o outro (adulto ou não) pode ter papel importante. Nesse caso, a televidência de primeira ordem atuaria com fonte de mediação situacional.

A tabela 10 acima sugere que estas crianças nunca ou quase nunca vêem televisão com amigos ou vizinhos, indicando que, provavelmente, elas ficam em casa sozinhas, ou com a família, tendo pouco contato cotidiano, fora da escola, com uma comunidade social mais ampla. Assim, quando estão em contato direto com a tevê amigos e/ou vizinhos não são seus interlocutores primários. No entanto, pesquisas sobre o tema, realizadas em escolas (Fernandes, 2003, Pereira, 2004, Salgado, 2005) indicam que os programas de tevê constituem o tema predileto das conversas entre as crianças em contexto escolar. O que não nos permite descartar a ação dos pares, enquanto comunidade interpretativa⁹, na compreensão que as crianças têm do que vêem.

O percentual de crianças que nunca assistem à tevê com os adultos não é significativo, já o referente a crianças que nunca vêem sozinhas é significativo. Estes dados indicam que a maioria das crianças que participaram desta pesquisa (58%) vê televisão acompanhada de adultos com uma frequência alta, o que pode estar ampliando a possibilidade delas dialogarem melhor com o que é transmitido pela tevê.

⁹ Orozco Gómez afirma que “una comunidad de interpretación se entiende básicamente como um conjunto de sujeto sociales unidos por um ámbito de significación especial del cual emerge una significación especial para su actuación social (agency). Con frecuencia, coinciden con comunidades territoriales, geográficas. Una comunidad de interpretación podría tambien ser instrumental em cuanto a que sus miembros persiguen algún fin particular a través de su partipacion in la comunidad” (Orozco Gómez, 1991 apud Varela, 2006, p.97).

Em contrapartida, há também um percentual significativo dos que vêm televisão sozinhos. Mas esta variável foi que apresentou a distribuição mais proporcional entre as possibilidades de resposta. Assistir à televisão sozinha pode estar relacionado ao fato de muitos pais não estarem em casa durante o dia e a televisão funcionar como uma companheira. Não podemos deixar de levar em consideração que esse veículo é, para as crianças, uma importante fonte de diversão e entretenimento, configurando-se, portanto, em uma excelente companheira da vida cotidiana. Galera (2000), em pesquisa realizada na cidade de Madrid, constatou que a televisão tem a função de “niñera” ou *baby-sitter*, desempenhando o papel da pessoa que se encarregaria de entreter e manter as crianças tranquilas em casa.

Aqui caberia perguntar: será que as crianças que estão vendo televisão acompanhadas o fazem porque não têm outra opção? Será que na casa há somente um aparelho? No nosso caso, 71% dos respondentes têm dois ou mais aparelhos de tevê, o que reforça a idéia de que o fato de verem tevê acompanhadas configura uma opção. Segue abaixo a tabela relativa à distribuição de aparelhos de TV em casa:

Tabela 11: Distribuição das respostas ao item 71.

Item	Categorias de resposta (%)			
	zero	uma	duas	três ou mais
Quantidade de televisão em casa	1,3	27,9	43,3	27,5

Ao perguntarmos às crianças com quem vêm seus programas prediletos, apenas 23% responderam que o fazem sozinhas; 35% assistem com irmãos e/ou amigos e, 41%, com algum adulto da família. Esta era uma questão aberta, que foi codificada para compor a base de dados da pesquisa. Depois de devidamente codificadas foram lançadas na base de dados do SPSS, sendo organizadas em três categorias: sozinho, com outra criança, com adultos. Entendemos que o adulto é uma audiência mais qualificada na interlocução.

Considerando que um grande percentual das crianças assiste à televisão com adultos, que um percentual significativo delas vê seu programa favorito com pelo menos um adulto da família e que a grande maioria declara ter mais de um televisor em casa, parece possível dizer que os pais, em sua maioria, compartilham e conhecem

os programas favoritos dos filhos. Segundo Matos (2005), isso possibilitaria aos pais estabelecerem algum nível de diálogo com seus filhos sobre o conteúdo televisivo ou, pelo menos, uma apropriação dos conteúdos, por parte das crianças, atravessada pelos comentários, ainda que pontuais, dos adultos responsáveis por elas. Esse possível diálogo ocorreria no contexto do que Orozco-Gomez (2001) denomina televidência primária, entendendo que isso não exclui nem inviabiliza outras formas de apropriação e interpretação do mesmo programa posteriormente, inclusive na escola. Também podemos considerar a hipótese de que estas crianças estão imersas em um *ethos* familiar (sociocultural) que valoriza o consumo televisivo. Bailén (2002) assinala que na Espanha as pesquisas da década de 1990 indicavam que o consumo de tevê era majoritariamente familiar, mesmo nas casas onde havia mais de um aparelho de tevê.

Para Fuenzalida “el hogar es la situación habitual y cotidiana de recepción de la comunicación televisiva” (2002: 46). O autor afirma que a casa aparece como uma unidade sociocultural de necessidades materiais e afetivas, que podem ser estimuladas pela tevê e, em alguns casos satisfeitas por ela.

Podemos afirmar que o lugar privilegiado para a audiência da tevê é a casa e, portanto, é ali que se dá uma interação direta com o conteúdo televisivo. Além disto, a família é uma fonte privilegiada de mediação institucional para a audiência, mais especialmente para a audiência infantil, dada a importância que ela tem para as crianças pequenas e o lugar de autoridade que ocupa, fundamentalmente nesta fase da vida. Orozco-Gomez afirma que a família constitui a primeira comunidade de apropriações do conteúdo televisivo e que é dentro desta comunidade que se dá uma negociação entre a audiência e a televisão, que se processa de forma diferente para seus distintos membros (1991: 7).

Nesta pesquisa observa-se que a família, tomada neste contexto como irmãos, pais e avós (na pesquisa anterior, na qual esta se apóia, vários textos de crianças mencionavam a presença de avós nos momentos de interação com a tevê), está presente nos momentos em que as crianças assistem à tevê. Cabe ressaltar que isto, por si só, não define a qualidade da apropriação do conteúdo televisivo, mas aponta para a possibilidade de trocas e reflexões com sínteses mais elaboradas sobre aquilo que se vê. Neste caso podemos supor que estas crianças privilegiam a audiência familiar.

Fuenzalida (1999), ao analisar o lar como o contexto cotidiano onde se encontram as audiências e onde ocorrem os processos de recepção da tevê, conclui que

seus moradores têm ritmos próprios e os distribuem segundo suas tarefas, obrigações e tempos livres. Estes ritmos ocorrem durante um período (diário, semanal) no qual a tevê é incorporada com sua oferta de programas. Os ritmos de vida do lar associam-se aos estados de ânimo das pessoas ali presentes e com expectativas situacionais subjetivas perante a televisão. Ele identifica o lar como espaço-tempo cultural que gera expectativas situacionais específicas em relação à tevê. Essas expectativas ajudam-nos a entender algumas das relações que as crianças estabelecem com a tevê, como a preferência pelo gênero narrativo ficcional — telenovelas, filmes e seriados. Ele aponta sete grandes expectativas situacionais que os indivíduos têm sobre a comunicação televisiva:

- 1 - satisfação de necessidades de companhia afetiva perante a solidão e o isolamento;
- 2 – possibilidade de observação e participação virtual nos acontecimentos sociais, como nos esportes, moda, eventos musicais;
- 3 – descanso físico e psicológico;
- 4 – entretenimento pela narrativa, tanto ficcional quanto realista: espera-se que a televisão desempenhe a função de contadora de histórias;
- 5 – ajuda para melhorar a qualidade de vida cotidiana das pessoas;
- 6 – observação plural do entorno social e informações úteis sobre a vida cotidiana e laboral, que está associada, primordialmente, à tevê aberta.
- 7 – posição cultural-laboral de determinados grupos sociais, com a busca de um reconhecimento produtivo-cultural.

Para este autor, estudos de recepção têm indicado uma forte tendência das audiências a valorizar a vida familiar e privada cotidiana. Essa tendência é observada na América Latina em contraponto com a tendência de individuação da televidência observada na maior parte dos países europeus (Livingsgtone, 2002). Fuenzalida diz que a família em relação ao que é veiculado na televisão tende a constituir-se, na América Latina, como uma comunidade interpretativa bastante importante, tendência também observada por Bailén na Espanha. Alerta também para a possibilidade da família não exercer, efetivamente, essa função.

Um dado importante diz respeito ao tipo de programas a que estas crianças têm acesso, se vêem somente canais abertos ou se têm acesso a canais a cabo ou similares, que pode nos indicar se existe acesso à diversidade da produção televisiva disponível. Foi incluído um item no questionário que buscava saber o número de crianças que têm

tevé por cabo ou satélite. Esta é uma questão que em outros países está vinculada ao nível socio-econômico das crianças, como afirmam Fuenzalida (2002), Livingstone (2002) e Matos (2005). Os resultados obtidos indicam que 52% das crianças que responderam ao nosso questionário têm tévé por assinatura, contra 48% respostas negativas.

Tabela 12: Distribuição das respostas ao item 46

Item	Possibilidades de resposta (%)	
	sim	Não
Tem TV a cabo?	52	48

A amostra está praticamente dividida igualmente entre os dois grupos, o que indica que a maioria tem acesso à tévé por assinatura. Para entendermos melhor como se segmenta a amostra apresentamos uma tabela onde fizemos o cruzamento da variável que analisa a frequência de crianças com tévé por assinatura e a variável que indica o nível econômico delas.

Tabela 13 – Distribuição das respostas sobre posse de tévé a cabo de acordo com nível econômico.

		Nível Econômico			Total
		Baixo	Médio	Alto	
Tem	não	208	90	5	303
		65,8%	35,7%	8,2%	48,2%
tevé a	sim	108	162	56	326
		34,2%	64,3%	91,8%	51,8%
Total	Quantidade	316	252	61	629
	Percentual	100%	100%	100%	100%

Entre as crianças com nível econômico baixo (nível 1), 34% declararam ter tévé a cabo; entre as de nível econômico médio (nível 2), 64% responderam afirmativamente e entre as crianças com nível econômico alto, 91% das respostas são positivas. Podemos supor, então, que o nível econômico destas crianças interfere na possibilidade de acesso a canais por assinatura, nos quais a programação é mais diversificada e mais segmentada, tendo canais voltados integralmente para crianças.

Mesmo assim, há um percentual significativo de crianças de baixo e médio nível econômico com acesso à essa forma de transmissão. Isto talvez possa ser explicado pelo grande número de ligações clandestinas que existem no Brasil.

Outro ponto a ser considerado é a possibilidade de assinaturas comunitárias, que reduz consideravelmente o preço das assinaturas e amplia significativamente o número de assinantes. A maioria destas crianças, portanto tem disponível uma multiplicidade de canais, o que não implica, necessariamente, maior qualidade, mas sugere, pelo menos, uma maior diversidade de programas e formatos.

Em países onde o desenvolvimento tecnológico e econômico é alto, como na Inglaterra, que tem uma excelente rede pública de televisão, 45% da população tem acesso a canais a cabo ou satélite, sendo este também o caso de Portugal, que tem 40% da sua população com acesso a este tipo de canal. Podemos afirmar que ocorreu uma crescente multiplicação dos pontos de consumo, pela existência de mais de um aparelho em casa. A presença de outro (ou outros) aparelho na casa apresenta-se talvez como uma via para evitar conflitos de preferências e interesses e/ou para ter maior comodidade (por exemplo, tevê no quarto). Isso levou a que sala de estar (tradicionalmente o local onde a família permanecia em conjunto) ou a cozinha tenham deixado de ser, num número elevado de casos, o espaço preferencial dentro de casa para o visionamento dos programas televisivos.

Abaixo apresento a tabela da frequência de dias da semana em que as crianças vêem tevê, dados estes que corroboram com os resultados de outras pesquisas, indicando a grande penetração deste meio na vida cotidiana das crianças.

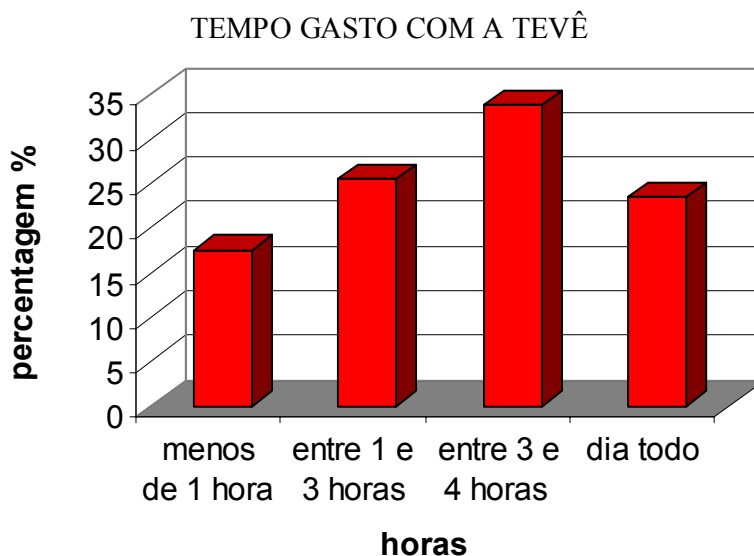
Tabela 14: Distribuição das respostas sobre os dias da semana que as crianças vêem tevê

Item	Categorias de resposta (%)			
	nunca	só no fim de semana	3 ou 4 vezes na semana	Todos os dias
Quantidade de dias da semana que vê tevê	0,3	4,3	9,5	86

Tabela 15: Distribuição das respostas ao item 17.

Item	Categorias de resposta (%)			
	menos de 1 hora	entre 1 e 3 horas	entre 3 e 4 horas	o dia todo
Quantidade de horas que vê tevê por dia	17,5	25,5	33,7	23,4

Gráfico 3: Distribuição das respostas sobre o tempo gasto vendo tevê diariamente



No Brasil, quando se observa o número de horas a que as crianças assistem à tevê é necessário considerar também o pouco tempo que ficam na escola, bem como a pouca oferta de outras atividades que essas crianças e jovens têm. Entretanto, em outros países como Portugal, Espanha e Inglaterra, que têm uma maior oferta de atividades culturais e de lazer para crianças e onde a escola ocupa uma jornada diária entre 6 a 8 horas, o tempo a que as crianças se dedicam à televisão diariamente

também é, proporcionalmente, alto. Uma pesquisa realizada pela Unesco¹⁰, em 10 países do mundo, com mais de 5.000 estudantes com cerca de 12 anos, constatou que essas crianças passavam, em média, duas a três horas diárias em frente à televisão.

Matos (2005) assinala que as crianças em Portugal durante a semana vêem televisão entre 1 a 2 horas por dia. Porém nos fins de semana e feriados elas dedicam mais de quatro horas à televisão. Na Espanha, segundo Bailén (2002), as crianças assistem em média 3 horas de tevê por semana, sendo que nos finais de semana dedicam um maior número de horas a essa prática, o que justificaria esta alta média semanal.

Das crianças desta pesquisa, 57,1% vêem mais de 3 horas de televisão diariamente, sendo que apenas 17,5% assistem menos 1 hora por dia, indicando, portanto, que a maioria passa muitas horas assistindo à tevê. Não houve diferenças significativas entre os meninos e as meninas com relação ao tempo despendido com a televisão. Silverstone (2002) aponta que a mídia tem como um de seus componentes a brincadeira. Este componente configura-se como um dos grandes atrativos da televisão. Este autor afirma que a “mídia é um lugar fundamental em que e pelo qual – na segurança e no estímulo que ela oferece aos espectadores do mundo – nós jogamos: subjuntivamente, livremente, por prazer”. (p.127). Segundo o autor, a brincadeira é essencial à experiência da mídia e precisa de participação conjunta. Através dela, podemos experimentar novos prazeres, mas dentro de uma determinada segurança, e é a brincadeira que nos permite um reencantamento das nossas vidas desencantadas: o ato de brincar é extremamente excitante. Os jogos, no entanto, podem ser por vezes mais que prazer, assumindo um papel de ensaio para o real, “um simulador de vôo para o dia-dia”. (p.125).

Com o objetivo de avaliar a freqüência com que as crianças assistem a determinados tipos de programa e de que programas mais gostavam construímos os itens 18 a 27 do questionário. A tabela abaixo (tabela 16) indica a freqüência com que às crianças assistem a determinados tipos de programa.

¹⁰ Dados retirados do artigo *Quantidade de tempo que as crianças passam vendo TV* (UNESCO, 2002, p. 77). Países pesquisados: Argentina, Chile, Estados Unidos, Espanha, República Tcheca, África do Sul, Líbano, Filipinas, Coréia do Sul e Austrália.

Tabela 16: Distribuição das respostas aos itens 18 a 26

Itens	Categorias de resposta (%)			
	Nunca	Raramente	Quase Sempre	Sempre
Frequência com que assiste a desenho animado japonês	37,2	25,5	18,3	19
Frequência com que assiste a desenho animado	2,3	15,8	23,8	58,1
Frequência com que assiste à novela	6,4	12,4	19,9	61,3
Frequência com que assiste a seriados brasileiros	17,8	25,7	28,7	27,8
Frequência com que assiste a outros seriados	21,7	27,4	29	22
Frequência com que assiste a programas humorísticos	14,1	21,3	31,4	33,1
Frequência com que assiste a programas de auditório	23,3	29,1	24,2	23,4
Frequência com que assiste a jornal	26,4	38,3	20,5	14,8
Frequência com que assiste a filmes	1,4	9,5	28	61,1

Rincon (2001) afirma que a televisão se caracteriza pela linguagem afetiva, espetacular e prazerosa e também por ser uma indústria que exalta o consumo. Mas acima de tudo, para ele, a televisão é um dispositivo de contar histórias, que redundava numa estratégia cultural para pensar o coletivo, colocando em cena os mitos, as lendas, as fábulas da sociedade contemporânea. Ela é a mídia central da cultura contemporânea, na qual prevalece a linguagem audiovisual, o que criou novos ritmos narrativos, novas formas de apropriação da cultura, do conhecimento e da diversão; modificou os comportamentos e costumes familiares e influenciou poderosamente todas as manifestações culturais.

O autor assinala que os gêneros televisivos têm estruturas diferentes dependendo de seus formatos específicos, como: telenovelas, documentários, telejornais, programas de revista e cada um dos formatos estabelece diversas atualizações estéticas, de conteúdo e de interpelação das audiências (2001: 43).

A maioria das produções do gênero telenovela não é destinada ao público infantil. Mas, mesmo assim, são os programas líderes de preferência entre as crianças. Segundo dados divulgados pelo Ibope¹¹, em dezembro de 2005, a novela das oito - *Belíssima* – figurava como o programa mais assistido entre as crianças de 4 a 11 anos. Tal fato também se refletiu em nossa pesquisa: as telenovelas estão entre os programas de televisão mais assistidos pelos respondentes.

A necessidade de modelos comportamentais, por exemplo, leva os telespectadores jovens a observar as condutas afetivas dos personagens das telenovelas: como acontecem as declarações amorosas ou as rupturas; as condutas numa relação a dois; o proibido e o permitido, tudo é significado e ressignificado pelas telenovelas ou outros gêneros televisivos. Olivari (1997) assinala que a apropriação da diversidade de gêneros oferecidos pela televisão se dá na realidade cultural em que o televidente está inserido.

Para Martin-Barbero (2001), na telenovela há uma narração popular que sempre é um contar a outras pessoas. Para além deste aspecto de narrar, a telenovela possibilita inversões de papéis, permite mostrar o grotesco da sociedade. Para este autor, a telenovela brasileira criou um modelo de narrativa, que ele denomina moderno, que incorpora o esquema melodramático e, também, um realismo que

¹¹ Fonte: Jornal O Globo. Coluna “Controle Remoto”, de Patrícia Kogut, de 07/12/2005.

possibilita a narrativa tratar do cotidiano e onde pode haver um encontro do gênero com a história e com algumas matrizes culturais do Brasil (2001: 120).

Os resultados obtidos em nossa pesquisa, em consonância com pesquisas de audiência realizadas pelo Ibope e com a literatura específica (Martin-Barbero, 2001; Fuenzalida, 2002), indicam que 61,3% dos respondentes assistem a telenovela sempre; em segundo lugar, aparecem os filmes como programas mais vistos sempre (61,1%), sendo a diferença entre ambos pouco significativa. Cabe ressaltar que, quando perguntamos qual era o programa de que mais gostavam, a grande maioria das crianças respondeu telenovela.

Esta era também uma questão em aberto e o tratamento analítico dado às respostas foi configurado no ambiente NUD*IST. No contexto das preferências, a novela Rebelde (do SBT) foi a que mais recebeu indicações, seguida por Cobras e Lagartos (da Rede Globo). Das 696 crianças que nos informaram seus programas prediletos, 230 (33%) disseram preferir telenovela. Apenas 7,2% afirmaram preferir filmes. As séries e seriados aparecerem em segundo lugar no gosto destas crianças. Para esta análise incorporamos tanto seriados nacionais como estrangeiros, perfazendo um total de 153 respostas, sendo que Malhação foi apontada como o programa predileto por 73 alunos (aproximadamente 10,6% do total de respostas). As outras respostas ficaram diluídas entre programas humorísticos como A diarista, Zorra Total, A turma do Didi, A grande família, Casseta e Planeta e A praça é nossa; programas de auditório — Programa do Gugu, Programa do Faustão, Raul Gil, Domingo Legal, Caldeirão do Hulck e programa do Ratinho; programas infantis como TV Xuxa e Bom, dia e cia.; Revistas televisivas como Vídeo show e Ana Maria Braga; programas sobre esportes, principalmente futebol e canais segmentados como MTV. Um aluno respondeu que seu programa preferido eram os programas de sexo; um outro que preferia o Telecurso 2000; uma menina indicou Globo Rural e, por fim, sete alunos indicaram os jornais como seus programas favoritos.

Os telejornais foram os programas que apresentaram o maior percentual de rejeição por parte das crianças, expresso pelas respostas “nunca ou quase nunca assisto” – 64,7%. Poderíamos perguntar se isto significa uma rejeição destas crianças ao conteúdo informativo da televisão, já que esta, além de fonte de entretenimento, é também amplamente reconhecida como um veículo informativo. Numa pesquisa

intitulada Valores sociais e meios de comunicação de massa¹² (1997), a televisão surge, como o principal veículo informativo (30% da amostra) e, para muitos, formativo (28%), tendo sido avaliada como uma importante fonte de atualização de conhecimentos e como a mais importante forma de entretenimento (40%), ao oferecer uma gama de programação a custo zero. Além disso, uma das principais finalidades desta mídia é veicular informação.

Apesar da importância assumida socialmente pelos telejornais e deles estarem referenciados no discurso dos adultos, para essas crianças estes programas não têm o apelo narrativo das telenovelas, nem dos seriados, nem da fantasia proporcionada pelos desenhos, não apenas em razão do seu formato, mas, fundamentalmente em função do conteúdo que veiculam, considerado, por elas, como excessivamente violento. Os telejornais trazem notícias do mundo “real”, ou melhor, veiculam um recorte desse mundo real.

Galera¹³ (2002) afirma que as crianças que consideram “real” a violência veiculada na televisão têm mais possibilidade de serem afetadas do que aquelas que vêem apenas violência de fantasia: “Nesta linha de raciocínio, pode-se afirmar que os gêneros televisivos mais *difíceis* com que se confrontam as crianças são as notícias e os documentários, dado que a violência nestes espaços é real e não representada” (2002: p.39). Talvez a percepção que elas têm do mundo através do que é veiculado nos telejornais seja assustadora, onde o mundo é apresentado como um lugar muito difícil de viver, sendo esta uma das causas prováveis do baixo índice de visionamento deste gênero.

Ainda sobre esse conjunto de itens, aquele que buscava verificar a presença dos desenhos animados japoneses merece relevo pelo fato de ser o único a apresentar variação de gênero (feminino e masculino): esse formato é visto (e apreciado) preponderantemente por meninos; a visualização do mesmo por meninas e meninos tem relação **inversa**, como se pode perceber na tabela abaixo:

¹² Pesquisa financiada pela Unesco, realizada em 1997, em parceria com o IBOPE e com a Retrato Consultoria e Marketing. A pesquisa constou de duas etapas: a primeira uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo e uma segunda fase de cunho quantitativo. Resultado da pesquisa extraído do site www.observatoriodaimprensa.com.br.

¹³ GALERA, M. G. *Televisión, violencia e infancia: El impacto de los medios*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2000.

Tabela 17 – Distribuição das respostas sobre a frequência a que assistem a desenho animado japonês de acordo com o gênero.

		Sexo		
		Masculino	Feminino	Total
Frequência a que assistem desenho animado japonês	Nunca	95 31,1%	159 42,2%	254 37,2%
	Raramente	57 18,7%	116 30,8%	173 25,4%
	Quase Sempre	66 21,6%	59 15,6%	125 18,3%
	Sempre	87 28,5%	43 11,4%	130 19,1%
	Total	305 100%	377 100%	682 100%

A tabela a seguir indica a posse de bens culturais, que supostamente podem interferir na relação com a tevê. Entre os itens especificados, fitas de vídeo e DVD e CDs de música são os bens desse tipo que as crianças pesquisadas indicam possuir em maior número:

Tabela 18: Distribuição das respostas aos itens 45 a 51.

Itens	Categorias de resposta (%)	
	Não	sim
Tem assinatura de jornal	77,6	22,4
Tem TV a cabo	47,8	52,2
Tem revista de informação	52,4	47,6
Tem fitas de vídeo ou DVD	18,5	81,5
Tem livros de literatura	34,1	65,9
Tem CD de música	7,6	92,4
Tem instrumentos musicais	56,2	43,8

A posse desse tipo de bem pode ser uma das fontes de ampliação dos conhecimentos que elas manifestaram ter (nos textos enviados ao GRUPEM) da linguagem audiovisual em geral e da linguagem televisiva em particular, do mesmo modo como a presença de livros e materiais impressos em casa sugere uma maior possibilidade de apropriação da linguagem escrita.

Além disso, vale assinalar algo que Martin-Barbero chama a atenção com frequência em suas entrevistas e textos: crianças e jovens de nosso tempo têm o que se pode chamar de “empatia tecnológica”, ou seja, um apreço muito especial pelas tecnologias de imagem e som e uma grande intimidade com elas, o que faz com que se empenhem em tê-las em casa e sintam-se valorizadas ao afirmar que as possuem.

Tabela 19: Distribuição das respostas aos itens sobre com quem o respondente mora

Itens	Categorias de resposta (%)	
	não	sim
Mora com avô/avó	79,1	20,9
Mora com mãe	11,5	88,5
Mora com pai	26,7	73,3
Mora com irmão (s) e/ou irmã (s)	20,3	79,7
Mora com outras pessoas	74,2	25,6

Tabela 20: Distribuição de respostas ao item 57

Itens	Categorias de resposta (%)			
	com mais 1 ou 2 pessoas	com mais 3 pessoas	com mais 4 ou 5 pessoas	com mais de 6 pessoas
O número de pessoas que moram na sua casa	17	26,1	43,4	13,1

As tabelas acima indicam que as crianças desta pesquisa moram em sua maioria com 4 ou 5 pessoas e a grande maioria delas mora com a mãe. Quando a família é monoparental a possibilidade de ser a mãe a chefe de família é muito significativa.

Orozco-Gomez (1991) afirma que quanto maior o número de pessoas com quem se mora maior as possibilidades de apropriação dos programas televisivos, ou seja, aumenta a possibilidade de interações

A tabela abaixo (tabela 21) indica a escolaridade das mães das crianças que responderam ao questionário: apenas 3,2% delas nunca tenham estudado; 22,3% das mães estudaram até 4ª série; até a 8ª série temos 21,7% das mães; com ensino médio 21,2% e 33,62% dos respondentes afirmam têm mães que estudaram ou estudam no ensino superior. No entanto, é importante assinalar que **191 alunos marcaram a resposta não sei (perfazendo 29,4% das respostas válidas).**

Nas respostas obtidas, é bastante significativo no contexto a que nos referimos o número de mães com curso superior completo ou em curso. Pesquisas sobre desempenho escolar ressaltam a importância da escolaridade da mãe no desempenho do aluno e, neste caso, pode indicar uma ampliação do quadro de referências da criança que interfere na relação dela com a televisão. Contudo, para avaliar isso com segurança seria necessária a inclusão de outras variáveis intervenientes, num outro modelo explicativo. Com relação ao grau de escolaridade do pai, os resultados mostraram-se bastante semelhantes ao da mãe, sendo que 35% dos respondentes não souberam responder este item.

Tabela 21: Distribuição das respostas sobre o grau de escolaridade da mãe excluindo as respostas não sei

Item	Categorias de resposta (%)				
	Nunca estudou	Até a 4ª série	Até a 8ª série	Até o ensino médio	Até o ensino superior
Grau de escolaridade da mãe	3,3	22,3	19,6	21,2	33,6
Grau de escolaridade do pai	3,4	25,8	14,7	22,1	33,0

A tabela abaixo representa o grau de escolaridade da mãe e do pai incluindo o percentual de alunos que não souberam responder, ou seja, com $n = 649$ e 658 , respectivamente.

Tabela 22: Distribuição das respostas sobre o grau de escolaridade da mãe e do pai

Item	Categorias de resposta (%)					
	Não sei	Nunca estudou	Até a 4ª série	Até a 8ª série	Até o ensino médio	Até o ensino superior
Grau de escolaridade da mãe	29,4	2,3	15,7	13,9	14,9	23,7
Grau de escolaridade do pai	38	2,1	16	9,1	13,7	21

4.3

Análise das escalas

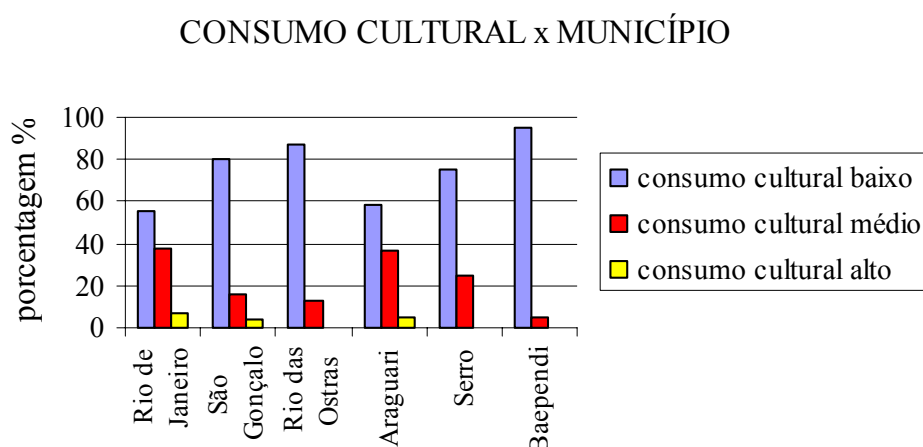
4.3.1

Consumo cultural

Na nossa amostra o consumo cultural das crianças é baixo. Entretanto, as crianças brasileiras vêm muitas horas de televisão diariamente, o que poderia estar indicando que elas preferem a tevê a outras atividades culturais. Mas é importante ressaltar que as cidades no Brasil têm pouca oferta de equipamentos culturais¹⁴, o que dificulta observar a relevância ou não desse fator na relação das crianças com a tevê. O IBGE indicou ser Minas Geras o Estado com mais municípios sem nenhum equipamento cultural e o Estado que tem a maior média de equipamento cultural por município é o Rio de Janeiro, sendo que a cidade do Rio de Janeiro está entre aquelas que têm todos os equipamentos culturais pesquisados. Esses dados são relevantes tendo em vista que a amostra desta pesquisa se restringiu aos alunos especificamente neste dois estados. Os equipamentos culturais que mais municípios têm são as bibliotecas (78,7% dos municípios do Brasil) e ginásios poli-esportivos (75,9% dos municípios brasileiros).

¹⁴ Dados do IBGE, pesquisa de Informações básicas municipais – 2001. Segundo a pesquisa deste instituto, somente 53 municípios do Brasil têm todos os tipos de equipamentos culturais investigados, que foram 17 equipamentos: clubes, estádios, museus, unidades de ensino superior, bibliotecas, livrarias, teatros, cinemas, videolocadoras, orquestras, banda de música, lojas de discos e CDs, rádios AM e FM, gerador de TV, provedor de Internet e shopping centers.

Gráfico 4: Consumo cultural por município



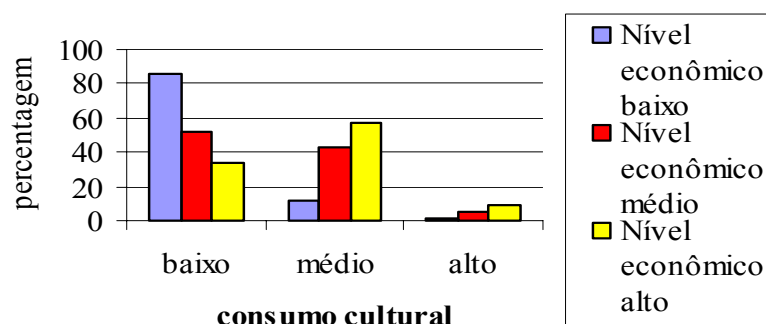
Além da disponibilidade de bens culturais, também temos que considerar que o nível econômico também parece afetar o acesso dessas crianças à produção cultural, como indica a tabela abaixo:

Tabela 25: Distribuição do consumo cultural de acordo com o nível econômico.

	Nível econômico			
	Baixo	Médio	Alto	
Consumo Cultural	Baixo	223	101	18
		86,1%	52,1%	34,0%
	Médio	31	83	30
	12,0%	42,8%	56,6%	
Alto	5	10	5	
	1,9%	5,2%	9,4%	
	Total	184	259	194
	100%	100,0%	100,0%	

Da tabela 25 podemos inferir que alunos com nível econômico mais alto tendem a ter um consumo cultural também mais alto.

Gráfico 5: Consumo cultural por nível econômico



Mas como articular este consumo cultural com a relação que as crianças estabelecem com a tevê? Ao analisarmos a relação¹⁵ tanto de impacto, quanto de *expertise* com consumo cultural, não foi possível atribuir nenhuma correlação entre as variáveis. Não foi possível observar nenhuma relação do consumo cultural aos fatores relacionados aos modos de ver tevê. Não significa que não haja uma relação entre o consumo cultural e os modos pelos quais as crianças se apropriam do conteúdo televisivo, apenas não houve evidência dessa relação nesta pesquisa. É possível que seja necessária a utilização de outro tipo de instrumento para tratar desse tema.

4.3.2 Impacto

A escala Impacto está subdividida em dois níveis: baixo e alto.

Tabela 26: Distribuição dos níveis de impacto.

Escala	Categorias de resposta (%)	
	Baixo	Alto
Impacto	62,8	37,2

¹⁵ Tabelas relativas a estas análises estão inclusas no anexo 2 deste texto .

Nos textos que recebemos na pesquisa anterior, *O que as crianças pensam sobre a tevê*, as crianças relatavam passar muito tempo vendo televisão o que levou a supor que, certamente, deixavam de fazer muitas outras atividades. Entretanto, tal suposição não encontrou ressonância nos dados obtidos nesta investigação. De acordo com a tabela acima, 62,8% das crianças deixam de fazer as atividades listadas no questionário (brincar, ler, ir à escola, passear e fazer tarefas escolares) **com pouca ou nenhuma frequência**, para ver tevê. Temos que considerar o que Fuenzalida (2002) define como atenção flutuante ou flexível frente à tevê, principalmente no caso das crianças. Em outras pesquisas (Fernandes, 2003, Aguaded, 2000) as crianças relatam que brincam, escrevem, desenham, ouvem música e fazem suas tarefas escolares ao mesmo tempo em que assistem à tevê. Talvez com as crianças de nossa pesquisa aconteça o mesmo, o que justificaria o percentual alto de respostas negativas a este item. Silverstone (2002) assevera que ver tevê também é brincar e pode-se brincar vendo televisão. Não são, portanto, atividades conflitantes, podendo ser até complementares e, alguns casos.

Também podemos considerar que é possível fazer a tarefa escolar enquanto a televisão está ligada, podendo estar com uma atenção intermitente em relação a ela. As outras atividades elencadas para compor a escala exigem que o telespectador as realize fora de casa, sendo, portanto difícil que as faça concomitante com o ato de assistir à televisão. Entretanto, temos que considerar também a pouca oferta de atividades desse tipo que as crianças têm no Brasil e o nível econômico delas, como indica o gráfico abaixo:

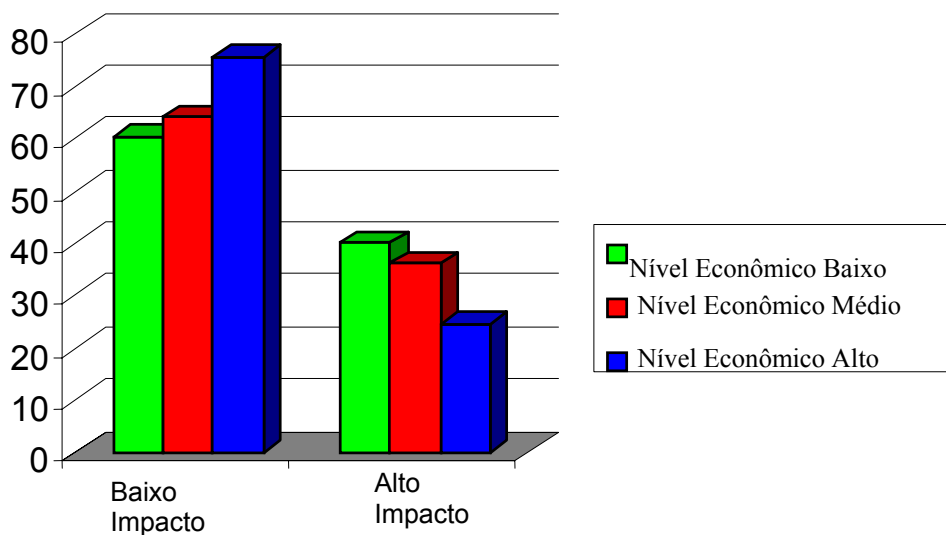
Tabela 27: Distribuição do impacto por nível econômico.

	Nível econômico		
	Baixo	Médio	Alto
Baixo	156	124	30
	60,2%	63,9%	75,5%
Alto	103	70	13
	39,8%	36,1%	24,5%
Total	259	194	43
	100%	100,0%	100,0%

A tabela 27 sugere que quanto maior o nível econômico menos atividades a criança deixa de fazer para ver tevê, tendência observada nos dois níveis de impacto. Uma das causas possíveis para essa tendência é o fato de que as classes populares usam a televisão como uma tentativa de manter os filhos fora da rua, fazendo, assim, com que fiquem mais tempo em casa.

Gráfico 6: Distribuição do impacto de acordo com o nível econômico

Distribuição dos níveis de impacto por nível econômico



Pesquisa do instituto IPSOS¹⁶ ouviu pais de 10 países sobre as atividades que seus filhos realizam cotidianamente e as respostas dos pais de crianças brasileiras indicam que estas brincam muito pouco, não saem com amigos e dedicam-se, quase que exclusivamente, a ver televisão. Se levarmos em conta apenas o número de horas passadas diante da televisão estas afirmações se aproximem da realidade. Entretanto, temos que levar em consideração o que os pais consideram que seja brincar e o que é brincar para as crianças. Nessa mesma pesquisa, 97% das crianças afirmaram que uma de suas brincadeiras preferidas delas é ver televisão, DVD ou vídeos. Os pesquisadores alertam que a atitude diante desses produtos é distinta da que se tem diante de jogos e passatempos, tais como jogos de tabuleiro, esconde-esconde, caça-palavras etc., tendo em vista que estes estimulam a inteligência, ensinam valores, estimulam as crianças a superar suas limitações, incentivam a criatividade e a imaginação, negando, integralmente, esta possibilidade à programação televisiva. Talvez seja o momento de questionarmos esta aceitação da exclusividade das formas tradicionais de brincar.

4.3.3 Relação Escola/Teve

Tabela 28: Distribuição dos níveis da relação escola/teve

Escala	Categorias de resposta (%)		
	Baixo	Médio	Alto
Relação Escola/Teve	19,8	68,4	11,8

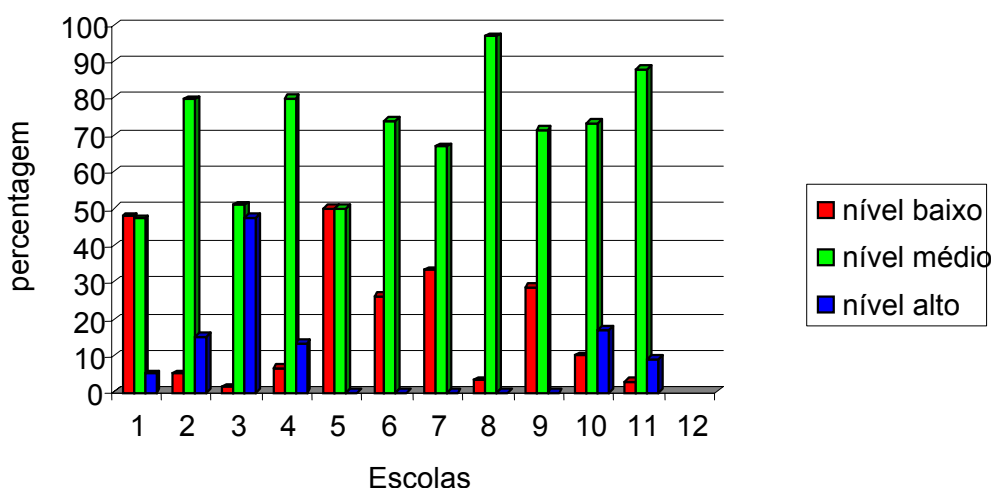
A tabela acima indica a percepção que as crianças têm da interferência das escolas na relação delas com o conteúdo televisivo. Este índice considera tanto a interferência institucional formal, quanto a informal. Segundo Orozco-Gomez (1991), a escola constitui também uma comunidade de apropriação do conteúdo televisivo. O ambiente escolar, a atitude do professor perante esse veículo, o clima pedagógico que impera na sala de aula, a organização escolar, todos são elementos que incidem sobre

¹⁶Pesquisa realizada pelo instituto IPSOS, encomendada pela UNILEVER, sobre o ato de brincar de crianças entre 6 a 12 anos. Resumo da pesquisa publicado na Revista Veja, nº1996, em fevereiro de 2007.

as trocas que os alunos realizam. Trocas essas que se dão tanto dentro da sala de aula como em outros espaços, na hora do recreio, do intervalo das aulas. Por isso, a escola é uma importante fonte de mediação institucional.

Aqui não está em pauta o que o aluno aprende com a televisão, mas sim o nível de envolvimento da escola no processo de apropriação do conteúdo televisivo pelas crianças. Não incluímos perguntas sobre conversas com amigos ou colegas da escola na composição desta escala, preferimos incluí-las no item expertise.

Gráfico 7: Distribuição dos níveis da relação escola/tevé por escola.



Escolas:

- 1- Escola Pública do Rio de Janeiro
- 2- Escola Particular de Araguari
- 3- Escola Pública de Araguari
- 4- Escola Pública de Araguari
- 5- Escola Particular de São Gonçalo
- 6- Escola Pública de São Gonçalo
- 7- Escola Pública do Rio de Janeiro
- 8- Escola Pública de Rio das Ostras
- 9- Escola Particular do Rio de Janeiro
- 10- Escola Pública de Serro
- 11- Escola Pública de Baependi

O gráfico acima apresenta a relação escola/tevé nas escolas onde foram aplicados os questionários. A escola particular de São Gonçalo tem o maior percentual baixo do

índice relação escola/tevê. A Escola Pública estadual de Araguari apresenta a melhor relação escola/tevê. Supomos que um dos motivos desta alta relação seja o fato dos professores terem à sua disposição, durante a semana, um tempo destinado à exibição de filmes ou programas. Outro fator que acreditamos ser importante é o fato do corpo docente se orgulhar de pertencer à melhor escola pública da região, fator que pode ampliar a tendência a fazer uso de métodos de ensino diferenciados, incluindo o uso mais freqüente de recursos tecnológicos. A escola pública de Serro tem 17,1% das respostas que indicam altos índices na relação escola/tevê; 73,8% das respostas se enquadram no nível médio e apenas 9,8% no nível baixo. Esta é uma escola que também apresenta um alto grau de envolvimento do corpo docente com a qualidade do ensino e também é considerada uma escola de excelência na região, onde o professor é visto como autoridade e há uma forte integração da direção e coordenação com os professores. Em entrevista concedida aos pesquisadores, quando da visita à escola, o corpo docente fez questão de assinalar que valoriza atividades que não são tradicionalmente consideradas como educativas ou escolares, procurando propiciar para os alunos experiências distintas daquelas que vivenciam em ambiente escolar¹⁷.

Não há uma correlação direta entre relação escola/tevê e nível econômico.¹⁸ Entretanto, quando correlacionamos este índice com gênero observamos uma tendência: os meninos apresentam mais alta a relação escola/tevê que as meninas, como se pode observar na tabela abaixo.

¹⁷ Cabe assinalar que esta escola será analisada individualmente pelo GRUPEM em um estudo de caso, já que se mostra como “ponto fora da curva” no contexto de nossas pesquisas até o momento.

¹⁸ Tabela nº 1 h do anexo 2.

Tabela 29: Distribuição dos níveis da relação escola/tevé por sexo.

		sexo	
		masculino	feminino
Relação Escola/tevé	Baixo	33 13,2%	76 25,2%
	Médio	181 72,4%	196 65,1%
	Alto	36 14,4%	29 9,6%
Total	250 100%	301 100 %	

4.3.4 Diálogo Familiar

Uma pesquisa¹⁹ realizada pela Unesco, em parceria com o IBOPE, analisou o que o Brasil pensa da tevê, com o objetivo de contribuir com as discussões acerca da classificação indicativa para programas de tevê²⁰. Tal pesquisa revelou a importância dos programas televisivos como elementos capazes de fomentar o diálogo familiar, indicando que, muitas vezes, os programas atuam como um catalisador frente a temas polêmicos e/ou constrangedores. Aponta, ainda, para um grande percentual de pais e crianças que percebe os programas de tevê como capaz de quebrar barreiras que porventura existam e promover conversas sobre assuntos polêmicos ou difíceis de serem abordados. Esse estudo também indicou que, especificamente junto às classes de menor poder aquisitivo, a televisão atua como um estímulo para manter os filhos em casa, amenizando os riscos associados ao mundo externo, onde a violência e o uso de drogas se apresentam como ameaças bastante próximas.

As relações familiares estão pautadas por toda sorte de contradições e não sendo o foco desta investigação. No entanto, queremos evidenciar a possibilidade de pluralidade de composições e concepções de família. Dentro dessa diversidade,

¹⁹ Resultado da pesquisa extraído do site www.observatoriodaimprensa.com.br.

²⁰ Classificação indicativa é aquela que o poder público fornece sobre os espetáculos e diversões públicas, incluindo-se programas de televisão informando sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada.. É regulada pela PORTARIA N° 264, de 9 de fevereiro 2007

produtos audiovisuais atuam como campo de problematização moral²¹, como possibilidade de vivenciar de forma imaginária uma determinada situação que coloca em cheque nossos valores e nos obriga a repensá-los, tendo como parâmetro a concretude do cotidiano. Produtos audiovisuais atuam como campos de problematização moral com a especificidade de possibilitar o contato “virtual” com situações que o indivíduo talvez nunca tivesse a oportunidade de vivenciar na vida real. “Experimentar” situações de risco ou de medo, em absoluta segurança, “vivenciar” sentimentos humanos básicos como amor, perda ou revolta, em culturas profundamente distintas, “observar” acontecimentos a partir de diferentes pontos de vista são algumas das possibilidades de “experiência moral” que esses produtos oferecem aos seus espectadores.

Nesse contexto, os valores construídos no interior das famílias e aqueles problematizados na televisão (não necessariamente opostos) entram em confronto/interação, sendo reforçados e/ou ressignificados com um diálogo mais estreito ou, pelo menos, com uma predisposição à escuta. Aguaded (2000) afirma que, conforme o crescimento do indivíduo, a família perde lugar para os pares como fonte de mediação, mas indica que até aos 12 anos ela é preponderante, seguida de perto pela escola. Ele atribui tanta importância à família que propõe uma escola para pais, para que estes aprendam a ter um olhar crítico sobre a tevê e possam dialogar melhor com o conteúdo desta, diferenciando realidade e fantasia e atuando como espaço de reforço ou de refutação das concepções e aprendizagens sociais que são veiculadas.

Articulando o que observamos nas cartas enviadas para a pesquisa anterior ao grau do diálogo familiar observado nesta pesquisa podemos supor que as famílias destas crianças desempenham um papel significativo na apropriação que elas fazem dos conteúdos televisivos. Para além da forma “certa ou errada” da apropriação, parecem estar atuando em seu campo legítimo, exercendo seu papel social, oferecendo assim oportunidades para as crianças definirem identidades e construírem valores.

²¹ “Os campos de problematização moral são constituídos, pois, pelo acúmulo de experiências de problematização moral, até configurar um espaço [...] de vivências e controvérsias, de idéias, códigos e valores, assim como de atitudes e práticas que pautam e problematizam a vida sociomoral em um terreno determinado. Mas, uma vez construídos, os campos de problematização moral permitem também ler e interpretar as experiências sócio-morais concretas [...]. Os campos de problematização moral são, então, o espaço de produção e reprodução da cultura moral: o espaço que pauta a experiência” (PUIG, 1998:163)

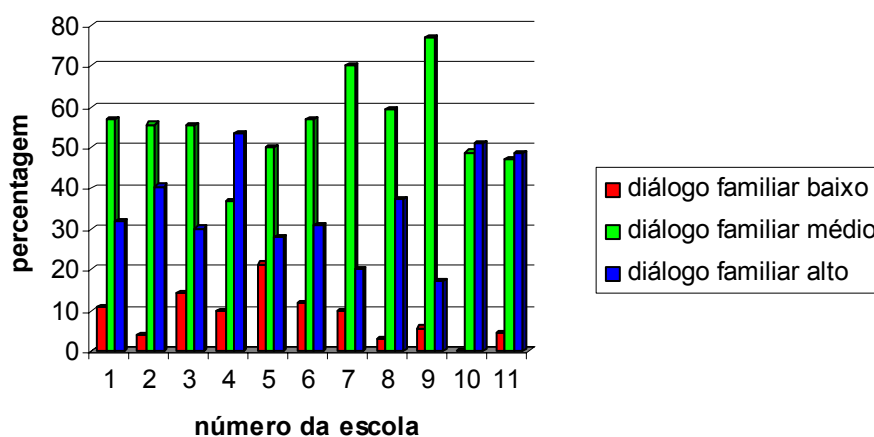
Tabela 30: Distribuição dos níveis de diálogo familiar

Escala	Categorias de resposta (%)		
	Baixo	Médio	Alto
Diálogo Familiar	6,3	55,7	36,1

As crianças desta pesquisa apresentam um diálogo familiar médio para alto, não sendo significativo o nível baixo.

Gráfico 8: Distribuição do diálogo familiar por escolas

Diálogo Familiar por escola



Escolas:

- 1- Escola Pública do Rio de Janeiro
- 2- Escola Particular de Araguari
- 3- Escola Pública de Araguari
- 4- Escola Pública de Araguari
- 5- Escola Particular de São Gonçalo
- 6- Escola Pública de São Gonçalo
- 7- Escola Pública do Rio de Janeiro
- 8- Escola Pública de Rio das Ostras
- 9- Escola Particular do Rio de Janeiro
- 10- Escola Pública de Serro
- 11- Escola Pública de Baependi

Os alunos da escola pública de Serro foram os únicos que não apresentaram diálogo familiar baixo e têm o maior percentual de diálogo familiar alto, junto com escola pública de Baependi e a de Araguari (todas elas pequenas cidades do interior).

O diálogo familiar aponta para a coesão da fonte de mediação institucional – família — que é a primeira formadora de parâmetros e valores, orientando as crianças dentro dos pressupostos do grupo social a que pertencem. Buckingham (2004) afirma que todos os pais têm critérios sobre o que se deixa ou não ver na tevê, isso nem sempre está relacionado com idade da criança, mas com o indivíduo que ela é, com os padrões aos quais os pais desejam manter, e esses padrões variam de família para família.

Há uma pequena tendência de as meninas apresentarem um diálogo familiar maior que o dos meninos. Quanto à cor e nível econômico não foi possível estabelecer nenhuma correlação.

4.3.5 **Expertise ou telefilia**

Tabela 31: Distribuição dos níveis de telefilia

Escala	Categorias de resposta (%)		
	Baixo	Médio	Alto
<i>Expertise</i> ou telefilia	26,0	53,5	20,5

Este conceito diz respeito às reflexões trazidas nas cartas e desenhos, onde as crianças mostravam um alto grau de conhecimento da linguagem e dos produtos televisivos, apontando questões de consumo, conhecendo a grade de programação, comparando a qualidade dos programas, acreditávamos que essas crianças buscavam conhecimento mais aprofundado sobre a televisão, como acontece, por exemplo, com a cinefilia. Entretanto, os resultados indicam que elas buscam medianamente informações sobre o veículo e seus produtos. O que sugere que o item utilizado para observar o conceito pode não ter sido o mais adequado, não apenas por ter espelhado uma outra faceta da nossa hipótese, mas especialmente por não ter apresentado qualquer correlação com outras variáveis, exceto com a quantidade de horas que a criança vê de tevê por dia, conforme se observa do gráfico abaixo:

Gráfico 9: Distribuição dos níveis de expertise segundo a quantidade de horas por dia que vêm tevê



Quando o grau de expertise é alto há uma relação diretamente proporcional com o número de horas que as crianças assistem à tevê; quem assiste menos horas tem menos probabilidade de ter uma expertise alta e vice-versa. Entretanto, quando o nível de expertise é médio, o percentual de quem assiste entre uma e 3 horas é maior, sendo que é quase equivalente quem assiste mais tempo e quem assiste menos tempo. No nível de expertise baixo temos que quem assiste menos de 1 hora de televisão por dia tem mais probabilidade de pertencer a este nível.